



A Companhia Antarctica Paulista em São Paulo: memória e patrimônio edificado

The Company Antarctica Paulista in São Paulo: memory and built heritage

Ivone Salgado* e Diógenes Sousa**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma discussão sobre patrimônio industrial e memória, com estudo de caso de uma cervejaria, a Companhia Antarctica Paulista, que ainda hoje guarda um patrimônio edificado na cidade de São Paulo. No final do século XIX, um complexo fabril foi montado no bairro da Mooca, cujos remanescentes foram catalogados e tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, em um processo aberto em 2007 e finalizado em 2016, a partir de um levantamento do patrimônio edificado. Essa fábrica de bebidas desempenhou um papel importante na urbanização da capital paulista, em uma dimensão que extrapola os próprios limites da fábrica. A análise da memória de um funcionário dessa fábrica permite compreender o cotidiano da vida fabril e pode auxiliar na valoração deste patrimônio.

Palavras-chave: Patrimônio industrial. Indústria cervejeira. Urbanização. Industrialização. Memória industrial.

Abstract

The purpose of this article is to present a discussion on industrial heritage, memory and preservation, with a case study of a brewery, Companhia Antarctica Paulista, which still houses a patrimony built in the city of São Paulo. At the end of the 19th century, a manufacturing complex was set up in the Mooca neighborhood, its remnants were already cataloged and registered by the CONPRESP, in 2007, in a process opened in 2007 and finalized in 2016, from a survey of remaining building equity. This beverage factory played an important role in the urbanization of the city of São Paulo, in a dimension that goes beyond the limits of the factory itself. The analysis of the memory of an employee of this factory allows to understand the daily life of the factory life and can help in the valuation of this heritage.

Keywords: Industrial Heritage. Brewery industry. Urbanization. Industrialization. Industrial memory.

*Arquiteta pela FAU USP (1979); Doutora pelo Institut d'Urbanisme de Paris – Université Paris XII – (1985); Pós-Doutorado no Instituto Universitario di Architettura di Venezia – IUAV (2008). Professora Titular da Pós-Graduação em Urbanismo – PUC Campinas desde 1997, coordenadora entre 1997 a 1998 e entre 2004 a 2007. Coordenadora de Área (Arquitetura e Urbanismo) da Diretoria Científica da FA-PESP entre 2001 e 2008

**Mestre em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2017). Historiador pela UNIFESP – EFLCH (2014), Mestrado em Urbanismo pela PUC Campinas (2017)

Introdução

O estudo da industrialização cervejeira na América Latina, com destaque para a Argentina e o Brasil, ocorrido na virada do século XIX para o XX, insere-se no contexto do processo de urbanização e revela a ligação intrínseca entre indústria, ferrovia e imigração.

A imigração alemã para a Argentina e para o Brasil propiciou que alguns imigrantes, fomentadores de pequenas indústrias de cerveja, instalassem-se nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Buenos Aires, no último quartel do século XIX, iniciando nestes centros urbanos o processo industrial de fabricação da cerveja.

A partir da década de 1850, assistimos ao aumento do número de imigrantes alemães em São Paulo, muitos destes voltados a ofícios ligados à indústria (SIRIANI, 2003, p.128). Entre eles, Jorge Seckler, com sua tipografia e oficina de encadernação; Theodoro Reichert, Bernardo Diedericksen e Libório Goldschmidt, com uma fábrica de vinho; George Greiner, com uma fábrica de vidro, na vila de Santo Amaro; e João e Carlos Boemer, com uma fábrica de vinho e cerveja, na Freguesia

da Penha. (SIRIANI, 2003, p.128-129). A instalação da fábrica da família Boemer data de 1873, sendo que a matéria prima para a produção da cerveja era adquirida de terceiros, de outra fábrica existente também no bairro da Penha.

Os remanescentes do complexo industrial da Companhia Antarctica Paulista, instalado no bairro da Mooca, em São Paulo, a partir de 1892, contemplam uma discussão sobre história, memória e patrimônio.

As origens de tal complexo se dão num contexto temporal em que a cidade de São Paulo passava por diversas alterações urbanísticas em meados do século XIX. Entre tais alterações, a presença dos imigrantes – neste caso, os alemães - tem um papel significativo na compreensão desse processo. Em 1868, Louis Bücher, filho de uma família de cervejeiros alemães, instalou-se na cidade de São Paulo e abriu sua pequena cervejaria utilizando-se de milho, arroz e outros cereais. Anos mais tarde, em 1882, Bücher associava-se a Joaquim Salles, proprietário de um matadouro cujo terreno ficava nas proximidades do bairro da



Figura 1. Fachada da Antarctica Paulistano bairro da Água Branca em São Paulo. Fonte: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-parque-antartica,9339,0.htm>> Acesso em: 13 out. 2016.

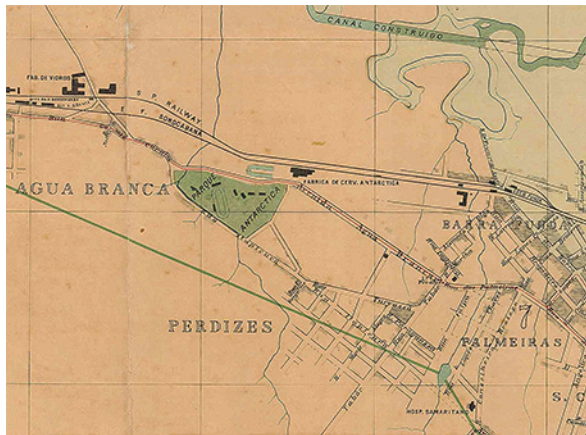


Figura 2. Detalhe do mapa de São Paulo de 1905 em que é possível visualizar os distritos de Água Branca, Perdizes, Palmeiras e Barra Funda, o Parque Antártica, a Fábrica de Vidros Santa Marina e a Fábrica de Cerveja Antarctica, ambas servidas pelas ferrovias São Paulo Railway e Estrada de Ferro Sorocabana. Fonte: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1905.jpg> Acesso em: 05 nov. 2016.

Água Branca, zona oeste de São Paulo, e tinha o nome de Antarctica.

Posteriormente, surgiu a possibilidade de sucesso numa nova empreitada, uma vez que Salles possuía em seu matadouro uma máquina de gelo, pois permitiria a fabricação da cerveja. Da associação entre Bücher e Salles, surgiu em 1888, na Água Branca, a “Antarctica Paulista – Fábrica de Gelo e Cervejaria”, sob direção de Louis Bücher (Figura 1). O primeiro anúncio da Antarctica datava de março de 1889, no antigo jornal “A Província de São Paulo” (atual O Estado de São Paulo): “Cerveja Antarctica em garrafa e em barril - encontra-se à venda no depósito da fábrica à Rua Boa Vista, 50”.

Com boa localização, junto a duas estradas de ferro, a Inglesa e a Sorocabana, o edifício fabril compunha um conjunto industrial com câmaras frigoríficas e espaço para o fabrico de latas, salchicharia e presunto, maquinário para a produção de gelo e, mais afastadas, escritórios e moradias de empregados (Figura 2).

Em 1891, a Companhia Antarctica Paulista tornou-se uma sociedade anônima com mais de cinquenta acionistas e capital inicial de 2245 contos de réis (SANTOS, 2004), dentre os quais podemos citar: João Carlos Antonio Zerrenner, alemão, e Adam Ditrik von Bülow, dinamarquês. Ambos eram proprietários da exportadora e corretora de café Zerrenner, Bülow e Cia., e importaram equipamentos alemães modernos para a cervejaria, aumentando, assim, sua produção.

Em 1893, com a desvalorização da moeda brasileira, a Antarctica esteve próxima da falência, sendo necessária a intervenção econômica de Zerrenner e von Bülow, a fim de que a empresa

continuasse ativa. Uma das credoras da companhia era a própria empresa de Zerrenner e von Bülow, que providenciou o pagamento da dívida em ações e permitiu aos dois empresários o controle majoritário da fábrica. Adam Ditrik von Bülow morreu em 1923, com 80 anos, deixando seu filho Carl Adolf como seu representante no comando da empresa. Em 1929, a sociedade dos Zerrenner e dos Bülow operava com importação, bebidas e exportação de café (MARSON, 2012).

Ainda nos primeiros anos de sua formação, de acordo com Bandeira Junior, “a Antarctica criou um parque e também uma vila operária com 24 casas para operários e moradias para gerentes, a “Village da Antarctica”, com uma área de 6000m², artisticamente construídas, formando um agradável e vistoso conjunto no bairro da Água Branca” (BANDEIRA, 1901, p.35).

O complexo fabril da Antarctica no Bairro da Mooca

Em 1904, a Antarctica adquiriu o controle acionário da Cervejaria Bavaria, sua concorrente em São Paulo, por 3700 contos, e passou a atuar na produção de bebidas no bairro da Mooca, na também chamada Avenida Bavaria, ao mesmo tempo em que firmaria com a Companhia Cervejaria Brahma um acordo para regular e fixar os preços de venda e volume por todo o país. A sede da fábrica foi transferida para este bairro, no mesmo ano, na zona leste de São Paulo, permanecendo até a criação da AmBev, fruto de sua fusão com a Cervejaria Brahma, no início dos anos 2000 (Figura 3).

No ano de 1954, a prefeitura alterou o nome do logradouro Bavaria, que prevalece até os dias

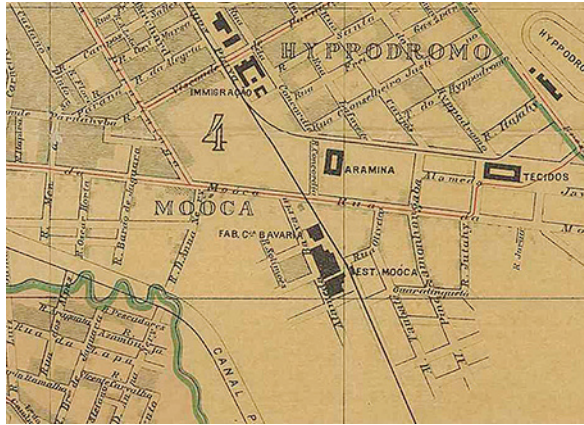


Figura 3. Detalhe do mapa de São Paulo de 1905, em que é possível visualizar o complexo fabril da Mooca inaugurada no bairro em 1892, servido pela ferrovia São Paulo Railway, com destaque para a fábrica da Cervejaria Bavaria, posteriormente, Companhia Antarctica Paulista. Fonte: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1905.jpg> Acesso em: 05 nov. 2016



Figura 4. Detalhes da fachada do Edifício da Companhia Antarctica Paulista, na Avenida Presidente Wilson, bairro da Mooca. Fonte: LINGUITTE, 1959, p.40.

atuais, para Avenida Presidente Wilson. Tal denominação foi oficializada através do Decreto nº 2.688, de 20 de setembro daquele ano (processo administrativo nº 89.145/45).

A fundação da Cervejaria Bavaria no bairro da Mooca, iniciada em 1892, deu-se com a instalação no bairro de um conjunto fabril que possuía um depósito de cevada de tijolo aparente (composto de três módulos verticais), um edifício de adegas e uma chaminé com aproximadamente 50 metros de altura (Figura 4). O complexo possuía, inclusive, um conjunto de casas para seus operários. Ao longo dos anos, o patrimônio industrial ali implantado foi sendo modificado.

O relatório feito para o CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, em 2007, solicitando o tombamento do complexo remanescente, contém a descrição atual deste patrimônio:

O edifício mais alto do conjunto (35 a 40 metros), que corresponderia ao corpo principal das adegas, foi construído em estrutura de concreto, calculado pela Companhia Construtora em Cimento Armado em 1923, empresa inicialmente fundada pelo alemão Riedlinger encampada pela grande empresa alemã Wayss & Freitag possuía, na época, filiais em numerosos países. Já existia no local uma adega, mas, grande parte do edifício, tal como vemos hoje, foi ampliado verticalmente em 1923. Segundo o projeto e o seu memorial anexo de 1923, as paredes de alvenaria são duplas, isoladas com corticite; as esquadrias externas são de ferro e

as portas internas de madeira; a cobertura, que conta com lanternim de veneziana, é feita em chapas de Eternit sobre caibros e ripas de madeira repousadas sobre estruturas de concreto armado (CONPRESP, Processo de Tombamento no. 2007-0.162.626-3, p.34).

Em 1909, novos equipamentos foram acrescentados à fábrica e, dois anos depois, foi inaugurada uma nova sede em Ribeirão Preto, ainda sob controle da Zerrenner, Bülow & Cia. Na década de 20, a empresa alemã respondia por 75% do capital da fábrica. Já em 1930, juntamente a Brahma, a Cia Antarctica já havia conseguido eliminar quase todas as concorrentes do mercado brasileiro de cerveja.

Para um maior entendimento das questões relacionadas ao patrimônio industrial, cabe aqui relatar as origens da Cervejaria Bavaria, importante fábrica no início do século XX.

A Bavaria foi fundada, conforme dito anteriormente, em outubro de 1892, por Henrique Stupakoff e Companhia, no local acima indicado, em uma área de 23 mil metros quadrados, composta pelo edifício principal - de cinco pavimentos - dividido em seções na antiga Avenida Bavaria, atual Avenida Presidente Wilson. Nas instalações da fábrica haviam dois poços artesanais que forneciam água para a fabricação do gelo e da cerveja, com uma profundidade de 130 metros, e uma capacidade de 250 mil litros. Muitas vezes a população ali se abastecia, quando havia falta d'água. No processo de fabricação da cerveja, para resfriar os canos pelos quais passa o amoníaco na máquina de gelo é usada água do rio Tamanduateí.

O prédio não tem estylo; é, porém, alto, vasto,

vistoso e todo construído de tijolos. Em frente fica-lhe o escriptorio, em bonito chalet, e nos fundos passa-lhe a Estrada de Ferro Ingleza, com a qual tem comunicação. A fábrica ocupa uma extensão de 250 metros de frente por 100 metros de fundos e o escriptorio e mais dependências uma extensão de 80 metros por 120. A parte mais alta do edifício tem 30 metros e a chaminé 36. O edifício principal, de cinco pavimentos, é dividido em tantas secções, quantas são as phases do fabrico. As machinas productoras do gelo, elemento essencial ao fabrico, conforme as prescripções da sciencia, para a temperatura em diferentes gráus, são do systema Linde, sendo, uma da força de 80 cavallos, outra da, de 150 e mais uma da de 300 cavallos, cada uma com 2 compressores, que servem para resfriar 2 camaras de fermentação de 520 metros quadrados; uma ante câmara e 12 camaras adegas, com 2.025 metros quadrados. (PINTO, 1900, p.216).

A água dos poços não servia somente para a fabricação da cerveja, mas, também, para o fabrico do gelo que era produzido em grande quantidade e que era vendido na cidade, em Santos e no interior.

A Bavaria possuía um desvio da linha inglesa que possibilitava transportar de Santos para os depósitos da fábrica todos os produtos importados, principalmente, cevada, garrafas, carvão e os maquinismos, cujos volumes eram muitas vezes de um peso excessivo. Além disso, um gerador, que a fábrica mandou construir, dividia o desvio em cinco partes, nas quais as respectivas mercadorias

podiam ser carregadas nos seus depósitos. Havia também iluminação a luz elétrica, produzida por dois dínamos e uma bateria de acumuladores que fornecia luz durante o dia nas adegas.

Seus produtos foram agraciados com a medalha de ouro na Exposição Columbiana de Chicago, em 1893.

Memória e patrimônio industrial em São Paulo

Em 2003, fora redigido um documento no TIC-CIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) sobre o conceito de patrimônio industrial, conhecida como a Carta de Nizhny Tagil:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (KÜHL, 2010, p. 25).

A cidade de São Paulo passa por um desaceleramento de sua atividade industrial, desde as últimas décadas do século XX, constituindo assim um vasto campo de análise das questões funcionais e da preservação do patrimônio industrial. Muitos desses edifícios estão tombados ou em processo de análise pelo órgão de proteção muni-

cipal da cidade de São Paulo (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP). Faz parte desse rol de conjuntos fabris, a Companhia Antarctica Paulista, cujo processo de tombamento iniciou-se no ano de 2007, sob o número 2007-0.162.678-6 e finalizado em 2016 com a resolução 19, também realizada pelo CONPRESP.

A princípio, a Antarctica está inserida no mesmo contexto de grande parte dos conjuntos fabris, isto é, em estado de deterioração e abandono devido à perda de função. No caso específico da cervejaria, suas atividades foram transferidas para o edifício em frente às instalações antigas, quando da junção com a Brahma, resultando na AmBev (Companhia de Bebidas das Américas).

Trata-se aqui de um exemplo de mudança econômica pelo qual a cidade de São Paulo passou, reverberando nas questões concernentes ao próprio patrimônio edificado.

A perda do uso industrial deriva de uma complexa conjuntura, envolvendo aspectos políticos, sociais, culturais e, sobretudo, econômicos, decorrentes da evolução urbana da capital paulista. Entretanto, dois momentos foram decisivos: a mudança da implantação das indústrias dos eixos ferroviários para os rodoviários na década de 1950 e a mudança do perfil econômico da cidade de São Paulo de embasamento industrial para serviços a partir da década de 1980, em decorrência das alterações mundiais do processo produtivo. (RODRIGUES & CAMARGO, 2010, p.152).

A preservação e o restauro do patrimônio suscitam importantes questões, algumas são: como avaliar a importância de uma edificação sob o

ponto de vista preservacionista? Transformar o uso da edificação em museu ou centro cultural é a melhor alternativa? Como as empresas podem reconhecer o valor de seu patrimônio edificado e de fato o preservá-lo?

São perguntas que aparecem à medida que o campo disciplinar do patrimônio se consolida como importante instrumento de análise. Torna-se importante examinar a particularidade de cada caso, pormenorizadamente, com critérios baseados nas diversas cartas patrimoniais, colocando o patrimônio edificado e industrial no contexto da territorialidade urbana e na sua relação com a própria cidade.

Procurando responder à questão de como as empresas podem reconhecer o valor de seu patrimônio edificado e de fato preservá-lo, é possível antes afirmar que uma fábrica é muito mais do que um simples aparato industrial, é uma peça importante na concepção de nossa sociedade.

Segundo Françoise Choay, as indústrias fazem parte de uma categoria de edificações que precisam ser analisadas, estudadas e preservadas, não só por suas características arquitetônicas, mas pela importância das sociabilidades ali impostas. “A arquitetura é a única, entre as artes maiores, cujo uso faz parte de sua essência e mantém uma relação complexa com suas finalidades estética e simbólica” (CHOAY, 2001, p.230).

Estudar a Companhia Antarctica Paulista é, sobretudo, referenciar-se ao patrimônio industrial da cidade de São Paulo, constituído de um rico acervo que evidencia o desenvolvimento econômico e urbano da capital paulista alicerçado em remanescentes de estimado valor cultural, muitos já bastante modificados.

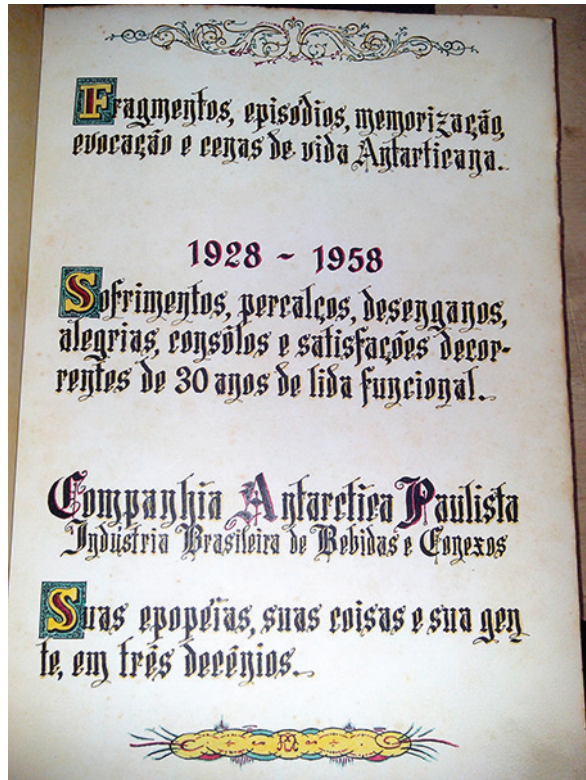


Figura 5. Capa da obra produzida por Hedemir Linguitte após três décadas como funcionário da Companhia Antarctica Paulista. Fonte: LINGUITTE, 1959, p.1.

Nessa análise, o estudo da memória pode revelar aspectos desse cotidiano e dessa sociedade, enfim, desse momento histórico.

Segundo Le Goff, em sua obra *História e Memória*, a memória pode ser apresentada como, “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. E também, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2012, p.476).

Já Pierre Nora nos apresenta inúmeras diferenças:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, por-

que operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une [...] há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p.9).

O complexo fabril da Antarctica na Mooca descrito pelo memorialista

A obra de um memorialista que relatou o cotidiano da fábrica e sua relação com a cervejaria revela aspectos do cotidiano da fábrica na Mooca. O senhor Hedemir Linguitte, funcionário da Companhia Antarctica entre 1928-1958, designou assim o seu relato: *Fragmentos, episódios, memorização, evocação e cenas da vida antártica – 1928-1958: sofrimentos, percalços, desenganos, alegrias, consolos e satisfações decorrentes de 30 anos de lida funcional, Companhia Antarctica Paulista Indústria Brasileira de Bebidas e Conexos*.

Trata-se de um compêndio de memórias escrito pelo funcionário formado por 207 páginas datilografadas e diversas imagens que relatam desde a origem da fábrica até a chegada de sua aposentadoria, texto escrito de forma deveras romantizada na maioria das vezes, o que denota a devoção e dedicação destinadas ao exercício de sua função.

O velho funcionário, falecido em 2005, também deixou escrito um relato acerca do bairro da Penha, em que residiu durante parte da sua vida, em uma localidade vizinha ao bairro da Mooca, sede da Antarctica. No livro, ele informava que percorria diariamente a pé, os quatro quilômetros de distância entre a sua residência e o local de emprego.

O relato das memórias de Hedemir começa com uma série de agradecimentos a todo quadro diretivo e societário da fábrica, abordando posteriormente sua admissão como funcionário, em 21 de julho de 1928, com apenas 13 anos de idade, para exercer a função de contínuo, na fábrica em que o pai e o tio já trabalhavam. Detalhes de sua admissão como provar a vestimenta da empresa eram relatados com o vigor romântico que lhe era peculiar:

...que alegria a minha quando, ostentando, pela primeira vez, meu uniforme antarticano, percorria as instalações da Empresa, com certo orgulho, como se o mundo, para mim, fosse todo aquele uniforme. Eu não seguia o exemplo de outros meus colegas, que traziam de casa roupa “civil”, usando o uniforme somente no recinto da Empresa. Eu fazia questão cerrada de levar para casa, todos os dias, meu uniforme, para que todo mundo visse e soubesse que eu trabalhava na Antarctica, santa ingenuidade, santa vaidade (LINGUITTE, 1959, p.2).

A relação entre o senhor Hedemir e os diretores da Antarctica também estava presente em seus relatos descritivos, desde a vestimenta até o comportamento dos fundadores da empresa, o Comendador Antônio Zerrenner e o senhor von Bulow, que, por vezes, faziam visitas rotineiras às instalações fabris.

Uma coleção de imagens sobre a empresa, desde fotos sobre o edifício da sede e suas instalações lindas até o quadro da diretoria, passando pelas ilustrações acerca dos diferentes tipos de bebidas fabricadas pela Antarctica ao longo do período em que o autor escreveu sua memória, agrega um valor inestimável à obra, fazendo dela uma importante fonte de pesquisa, não somente no âmbito da memória, mas para a própria compreensão do patrimônio, neste caso, industrial. O relato é pautado por fortes questões afetivas, o que permeia a maneira de escrever do autor.

São informações trazidas ao leitor com riqueza de detalhes do funcionário o qual se tornou memorialista por devoção e que fazia questão de ressaltar um consumo maior de refrigerante que água, enaltecendo a qualidade dos produtos fabricados pela empresa.

E ele conseguiu, nas suas memórias, traduzir o sentimento que o motivava a trabalhar na empresa durante trinta anos.

Partindo dessa leitura, entendemos de suma importância a utilização da memória como fonte de pesquisa. No caso da história do senhor Hedemir, foi possível obter um olhar diferente sobre um patrimônio industrial e também sobre a própria maneira de relacionar o indivíduo e seu local de trabalho.

O material produzido pelo memorialista Hedemir Linguitte sobre o complexo fabril da Antarctica na Mooca faz parte do acervo doado por sua família ao Movimento Cultural Penha, uma Organização Não Governamental, localizada na cidade de São Paulo, que atua na área de patrimônio e memória local.



Figura 6. No pátio central da fábrica da Antarctica na Mooca ficavam veículos de tração animal e mecânica para o transporte das mercadorias produzidas na fábrica. Fonte: LINGUITTE, 1959, p.18.



Figura 7. Modelo de veículo Chevrolet destinado ao transporte de gelo no complexo fabril da Antarctica na Mooca. Hedemir Linguitte deu a seguinte legenda à foto: “Chevrolet” modelo 1925, pertencente ao grupo dos veículos pioneiros do progresso antarticano, mostrando o seu motorista –Giacomo Rossini”. Fonte: LINGUITTE, 1959, p.17.

Pelos meandros da fábrica

De acordo com Linguitte, a fábrica possuía seções como “Expedição”, local em que as bebidas eram retiradas, com uma recepção para tirar nota dos pedidos recebidos por telefone, tanto para clientes particulares, quanto para negociantes e revendedores.

Uma vez anotado os pedidos, estes se dirigiam ao “Setor de Veículos e Animais”, outrora chamado de “Secção das Cocheiras”, que carregava os veículos com cerveja, refrigerante, gelo ou chope, passando pelo Pátio Central para, com o aval do fiscal, dirigir-se ao determinado destino. Cabia ao jovem Hedemir, neste período, a função de “contínuo”, uma espécie de office-boy, percorrer o Pátio Central levando os pedidos expedidos à Secção de Veículos e Animais (Figura 5).

Afora as repartições ditas anteriormente, o complexo fabril da Antarctica possuía a Fábrica de cerveja, de refrigerantes e de licores, a Repartição de Máquinas, o Escritório Central, a Caixa Geral, a Caixa Auxiliar, a Repartição de Oficinas e a Secção dos Inspetores da Praça.

Nas primeiras décadas do século passado, o transporte de mercadorias da fábrica era feito por veículos de tração animal, ao passo que, paulatinamente, foram sendo incorporados à tropa os chamados Ford “bigode” e Chevrolet, caminhões que permitiam percorrer maiores distâncias e com maior capacidade de carga. Aos olhos do então contínuo Hedemir,

ao toque de largar, que se fazia ouvir no Pátio Central, às 6 e às 6:30 horas, os caminhões, demonstrando garbo, beleza e majestade, ganhavam a Avenida Presidente Wilson que, à sua pas-

sagem se engalanava toda e que a fricção das ferraduras dos animais nos paralelepípedos, fazia com que fagulhas vermelhas e rápidas, se levantassem, a medida que os gritos dos cocheiros se faziam ouvir (LINGUITTE, 1959, p.16).

Havia os veículos dos distribuidores de bebidas na cor verde e os de gelo na cor branca, ambos percorrendo a cidade partindo do Pátio Central rumo aos depósitos da Antarctica, nos bairros de Vila Mariana, Água Branca e na Rua Anhangabaú (Figura 6). O transporte também era feito pela Secção de Despachos por via ferroviária, aproveitando-se do desvio da linha férrea da São Paulo Railway que passava na parte de trás da fábrica.

Em novembro de 1928, o contínuo Hedemir passou a atuar no setor de “Expedição de Móveis”, localizado no edifício demolido em 1955 e que serviu de local para um novo conjunto de escritórios. Tal setor era responsável pela fabricação de móveis e utensílios que seriam vendidos à clientela, tais como: balcões de mármore, mesas e cadeiras, biombos, tapa-vento, luminosos, estrados, instalações para água e chope, entre outros (LINGUITTE, 1959, p.23). Contudo, a geladeira de nome “Perfeita” era um dos produtos desta secção que mais chamava a atenção dos consumidores (Figura 7).

No Escritório das Oficinas movimentavam-se outras seções ligadas a ele, com as funções de marcenaria, carpintaria, funilaria, tapeçaria, selaria e pintura, porém, em 1931, uma má notícia vinda da administração deveras entristeceu o senhor Hedemir. Como decorrência da crise econômica mundial de 1929, a Companhia Antarctica, assim como diversas outras empresas, teve que reduzir seu quadro de funcionários, a fim de diminuir o impacto causado nas contas da empresa. Sendo assim, os funcionários com menor tempo



Figura 8. A descrição de um desenho da geladeira Perfeita feita por Hedemir Linguitte: “Perfeita”, a geladeira mais famosa de seu tempo, fabricada com requintes de maior carinho por parte da Companhia Antarctica Paulista. Fonte: LINGUITTE, 1959, p.24.

de serviço foram os escolhidos e, dentre eles, estava o então jovem Hedemir:

Que poderia fazer, repito? Deixar meu local de trabalho, onde, durante, quase trinta e seis meses o tempo passara célere para mim, onde eu nadara em um mar de felicidade, felicidade essa, porém, supersonicamente breve. Acabara-se para mim o que era bom. Adeus, meus uniformes de contínuo. Adeus, meus deliciosos refrigerantes e, especialmente, meu “Guaraná Champagne”. Adeus, amigos e colegas. Adeus, “Seção de Expedição”. Adeus, velhas chaminés antarticanas, que, de manhã a noite, expeliam fumaça, fumaça do progresso e do ganha-pão de centenas e centenas de bocas da Empresa do bairro da Mooca (LINGUITTE, 1959, p.55).

O recesso sem emprego do senhor Hedemir lhe rendeu infindáveis horas de tristeza e melancolia, contudo, sobre forte insistência de seu pai, que mantivera seu emprego na fábrica incólume, já no ano seguinte, em fevereiro de 1932, conseguiu a readmissão de seu filho junto ao quadro de funcionários, causando enorme furor no coração do autor dessas memórias:

Dizer da satisfação sentida por mim, seria tarefa difícil, neste papel. Dizer da felicidade que inundava o coração de meu progenitor, mais difícil ainda. Meu pai transpirava alegria por todos os poros. Tornou-se eufórico, transformou-se. Afinal, seus pedidos não tinham sido em vão. Desaparecera seu pessimismo. Era outro homem. Seu filho voltava a labutar na Empresa. Por certo,

suas preces, em ação de graças, ao céu, não foram poucas, presumo (LINGUITTE, 1959, p.58).

Tendo completado seus 18 anos, Hedemir passou a ocupar a função de auxiliar de escritório, na seção de consumo, vinculado ao escritório central da fábrica, em 1933. Em outubro de 1939, nascia Hedemar, o primeiro filho de Hedemir. A Antarctica tinha como costume presentear as mães grávidas com duas garrafas de Malzbier Progresso, cerveja que, segundo a fábrica, possuía propriedades benéficas tanto para a saúde da lactante quanto para a criança que estava por vir.

Até o ano de 1942, os funcionários da Antarctica na Mooca tomavam suas refeições fora da fábrica. Todavia, nesta data, alterar-se-ia o cotidiano fabril com a criação de um refeitório na própria fábrica. Foram feitos dois salões, um destinado aos empregados e outro para uso dos operários, além da construção de duas cozinhas para preparo das refeições. Um desses salões ficava em um local que era destinado para dormitório de funcionários solteiros que residiam longe do local de trabalho. No refeitório de empregados havia inclusive serviço de garçom. Esse novo ponto para refeições, fez com que o senhor Hedemir e outros funcionários deixassem de frequentar a pensão da Dona Francisca Sheer, na avenida Presidente Wilson, na hora do almoço, de maneira que a senhora foi aos poucos perdendo a sua clientela.

No ano de 1956, o senhor Hedemir foi transferido para a biblioteca que havia sido instalada no edifício recém-construído. Era uma nova dinâmica de trabalho, que, em certa medida, corrobora com o estilo em que ele escreveu suas memórias, provavelmente, pelo contato mais próximo a diversas obras literárias que compunham o acervo da biblioteca. Mais tarde, já em 1957, outro

fato marcante trouxe ao funcionário uma enorme satisfação em trabalhar naquela empresa, era a admissão de seu filho:

...meu coração de antarticano, em 9 de abril de 1957, dilatou-se de alegria quando meu filho Hedemar, meu sucessor moral na Antarctica, ingressara em seus serviços, na parte técnica, a fim de seguir, se sua vocação assim o ditasse, a função de técnico em fabricação de cervejas, devendo, em consequência, passar por diversos estágios na Empresa, e, depois, fazer um curso adequado (LINGUITTE, 1959, p.193).

Com a aposentadoria cada vez mais próxima, sentiu a necessidade de relatar sua dedicação pela empresa e pôs-se a escrever o livro de memórias, justificando seu intento:

...a composição deste volume, como já foi dito no seu princípio, foi, antes de mais nada – e isso salta aos olhos de qualquer leigo – obra de um sentimentalista, de um colaborador feliz e jubiloso da Antarctica, que, em comemoração de três décadas de lida funcional, quis memorizar fatos e acontecimentos relacionados à empresa, bem como fazer alusão à sua gente (LINGUITTE, 1959, p.208).

Antarctica além da Mooca

Ao longo da década de 1950, a cervejaria se expandiu e criou outras empresas subsidiárias. Na cidade de Jaguaré, interior paulista, em 1954, a Cia Antarctica abriu sua própria malteria, adquirindo no ano seguinte a Cervejaria Alta Paulista Indús-

trias e Bebidas, em Marília (SP) e, no ano posterior, constituiu a DUBAR S.A – Indústria e Comércio de Bebidas. Em 1957, adquiriu em Campinas (SP) a antiga Fábrica de Cerveja e Gelo Columbia.

Nos anos 60, a Antarctica adquiriu o controle acionário da Cervejaria Bohemia em 1961, e, em 1967, marchou rumo às regiões norte e nordeste para criar a IPEBA – Indústria Pernambucana de Bebidas Antarctica, com apoio da SUDENE. Adquiriu no norte a Cervejaria Manaus e, concomitantemente no sul, a Cervejaria Polar, em 1972.

Em 1973, inaugurou a Companhia Sulina de Bebidas Antarctica, em Joinville (SC), com unidades em Ponta Grossa (PR) e Curitiba (PR). Na região nordeste, criou a INORBE – atual Indústria de Bebidas Antarctica do Nordeste S.A., acionista majoritária da Companhia Itacolomy de Cervejas, em Pirapora (MG). Além disso, promoveu uma fusão com a Cervejaria Níger S.A., criando em Ribeirão Preto, a Cervejaria Antarctica Níger S.A.

Ao longo dos anos a Antarctica construiu novas filiais em diversos estados brasileiros, partindo para o mercado externo em 1979, com exportação para Europa, Estados Unidos e Ásia. Em 1993, concebeu a fábrica de Jaguariúna, região de Campinas que, em 1995, recebeu os equipamentos provenientes da fábrica da Mooca, sendo esta desativada.

Conclusão

O propósito deste artigo foi trazer à tona mais um elemento que compõe a miríade de assuntos acerca do patrimônio industrial como pano de fundo para uma abordagem sobre o que representa a história da urbanização de uma cidade como São Paulo.

O patrimônio que envolve uma cervejaria dispensa uma relação que ultrapassa os muros da fábrica e que traz a reboque outro elemento presente tanto na urbanização paulistana e, por conseguinte, na história da Companhia Antarctica Paulista: a presença ativa da imigração alemã, corroborando para nosso entendimento sobre a implantação da cerveja na rotina do indivíduo latino-americano. Uma vez que esse processo, também, foi concomitante em cidades como o Rio de Janeiro e Buenos Aires, sobretudo com a utilização da ferrovia como principal método de escoamento da produção cervejeira, promovendo a ocupação de áreas distantes do centro dessas cidades naquele momento, incluindo São Paulo, na guinada do século XIX e no início do século XX.

Com um enfoque na história das cidades, foi possível depreender que o campo de pesquisa sobre a história das cervejarias é muito vasto e, dentro de uma epistemologia interdisciplinar, abre caminho para novas discussões. Ainda neste esforço de compreender o papel da indústria cervejeira, lançamos mão do uso de algumas memórias vividas por um funcionário que dedicou três décadas de sua vida ao trabalho fabril, dentro da área administrativa, que percorria os setores da fábrica e relatou esse cotidiano na figura de um memorialista.

O estudo acerca do patrimônio industrial, tendo um complexo fabril cervejeiro como objeto de pesquisa, está contido no extenso arcabouço teórico do qual o Urbanismo faz parte como disciplina.

Nota-se que a Antarctica, desde sua criação, em São Paulo, como um abatedouro suíno inserido em uma área rural lindeira a duas linhas férreas (passando para produtora de gelo e, posteriormente, de bebidas) contribui para o estudo de instalações fabris e de armazéns no

processo de industrialização da capital paulistana; testemunhando, assim, a ocupação e a construção de conjuntos arquitetônicos e sua relação com a ferrovia e a paisagem urbana da várzea dos rios da cidade, o que reflete, também, a história da indústria da cerveja no Brasil e sua importância para a memória social da cidade de São Paulo.

Referências:

BANDEIRA Junior, Antonio Francisco. **A indústria no Estado de São Paulo**, 1901. São Paulo: Typ do Diario Official, 1901.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. **Resolução no. 19 / CONPRESP / 2016**. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re1916TombamentoedificacoesAntigaFabricaAntarcticaPDF_1473786946.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2016.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. **Processo Administrativo no. 2007-0.162.626-3**. Disponível em <<http://simprocservicos.prefeitura.sp.gov.br/Forms/DadosCadastrais.aspx>>. Acesso em 23 fev. 2016.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Patrimônio industrial: algumas questões em aberto**. Arq Urb número 3, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

LINGUITTE, Hedemir. **Fragmentos, episódios, memorização, evocação e cenas da vida antártica – 1928-1958**: sofrimentos, percalços, desenganos, alegrias, consolos e satisfações decorrentes de 30 anos de lida funcional. Companhia Antarctica Paulista Indústria Brasileira de Bebidas e Conexos. São Paulo, 1959.

MARSON, Michel Deliberali. Origens dos empresários da indústria de máquinas e equipamentos em São Paulo, 1870-1900. **Nova Economia**. Belo Horizonte, vol.22, n. 3, set./dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010363512012000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 out. 2016.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PINTO, Alfredo Moreira. **A Cidade de São Paulo em 1900**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

RODRIGUES, Angela Rösch. CAMARGO, Mônica Junqueira de. O uso na preservação arquitetônica do patrimônio industrial da cidade de São Paulo. **Revista CPC USP**, São Paulo, n. 10, p. 41-65, maio/out. 2010.

SANTOS, Sergio de Paula. **Os primórdios da cerveja no Brasil**. Cotia: Ateliê Cultural, 2004.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Uma São Paulo Alemã**: Vida cotidiana dos imigrantes germânicos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003. ■